



A Capela de Nossa Senhora dos Anjos da Vila Nova da Rainha do Caeté: história e arte | *Maria Clara Caldas Soares Ferreira*

doutora em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) |
mccsferreira@yahoo.com.br

Resumo: A Capela de Nossa Senhora dos Anjos da Vila Nova da Rainha do Caeté, atual Igreja de São Francisco de Assis, em Caeté-MG, foi erigida pela Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, uma associação religiosa de homens e mulheres leigos, detentores de poucos recursos. Neste artigo, propõe-se analisar o panorama arquitetônico e a ornamentação interna do templo. Para tanto, lançou-se mão de transcrições feitas por Salomão de Vasconcelos de códices rendilhados e de fotografias tiradas por técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1950. Muito do que foi registrado por eles já não se localiza na capela, seja porque se perdeu pela ação do tempo ou porque está salvaguardado na Igreja Matriz da cidade de Caeté. Como se observará, a construção do templo se delongou por quase três décadas. O repertório iconográfico presente nas pinturas e nas esculturas condiz com aquele da corporação Seráfica.

Palavras-chave: Igreja de São Francisco de Assis em Caeté-MG; Arquitetura; Pintura; Escultura; Séculos XVIII-XIX.

The Chapel of Our Lady of Angels of Vila Nova da Rainha do Caeté: history and art.

Abstract. The Chapel of Our Lady of Angels of Vila Nova da Rainha do Caeté, presently called the Church of Saint Francis of Assis, in Caeté, Minas Gerais, was built by the Archconfraternity of the Cord of Saint Francis, a religious association of men and women that own scarce resources. This article proposes to analyze the architectonic panorama and the internal ornamentation of the temple. To that end, we have used transcriptions made by Salomão de Vasconcelos of old codices and of photographs taken by technicians of Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) in the 50s. Much of what was registered by them is not located on the chapel anymore, whether because it was lost due to the action of time or because it's kept in the Mother Church of the city of Caeté. As it is shown, the construction of the temple stretched out through three decades. The available iconographic repertoire presented in the paintings and sculptures matches that of the Seraphic corporation.

Key-Words: Igreja de São Francisco de Assis in Caeté-MG; Architecture; Painting; Sculpture; Centuries XVIII-XIX.



Introdução

Por volta do ano de 1760, a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco se instaurou, simultaneamente, na Vila de São João del-Rey, em Vila Rica, na Vila Real do Sabará e na cidade de Mariana. O mérito de sua introdução no território minerador coube ao vigário do Rio das Mortes, Matias Antônio Salgado.

Embora, no orbe católico, a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco se destinasse aos fiéis de ambos os sexos e sem distinção de classificação social, no bispado de Mariana, a associação religiosa de leigos reuniu, reconhecidamente, homens e mulheres classificados pela designação de “pardos”. Na obra *São Francisco de Assis de Ouro Preto*, cônego Raimundo Trindade aventou duas hipóteses para tal singularidade: ou o desejo do fundador de inserir uma parcela considerável da população no culto realizado pelas ordens terceiras, cujas portas se encontravam fechadas aos “não brancos”; ou o capricho do fundador em ser estimado por grande parcela dos habitantes da capitania¹.

Foram inúmeras as contendas entre a Ordem Terceira de São Francisco da Penitência e a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco na Capitania de Minas. Mesmo sendo uma instituição católica estabelecida canonicamente, os irmãos terceiros franciscanos, identificados como uma “elite branca”, não aceitaram que os “pardos do Cordão”, como são denominados pela historiografia, portassem as insígnias franciscanas e compartilhassem as práticas paralitúrgicas da Ordem Seráfica.

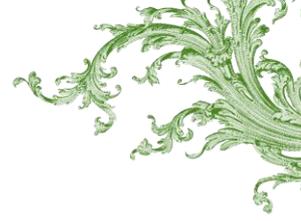
O impedimento por parte dos irmãos terceiros franciscanos, detentores de força política, impossibilitou que a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco se fixasse definitivamente na Vila de São João del-Rey e em Vila Rica. No entanto, o mesmo não se observou com as congêneres da cidade de Mariana e da Vila Real do Sabará, localidades onde “os pardos triunfam”², chegando a erigir templo próprio. Tais contendas, porém, não deixaram de ocorrer também na cidade de Mariana.

Os arquiconfrades vestiam hábitos, capas, cordão cingindo a cintura e ostentavam as armas e as insígnias franciscanas, nas ruas e durante as cerimônias solenes. Os irmãos terceiros franciscanos entendiam que as vestimentas e os símbolos se constituíam como específicos de sua corporação. Para Adalgisa Arantes Campos e Renato Franco, no artigo “Aspectos da visão hierárquica no barroco luso-brasileiro: disputas por precedência em confrarias mineiras”, o confronto dos irmãos terceiros franciscanos com os arquiconfrades não se tratava meramente de uma questão de precedência nas procissões, já que as ordens terceiras tinham prioridade sobre parte das demais associações religiosas de leigos nesse quesito. De fato, os irmãos terceiros franciscanos pretendiam dirimir a existência da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco³. Esses confrontos chancelaram a posição social da parcela dominante da sociedade, o que fazia com que o sistema escravista se notasse nas práticas religiosas.



Apesar de toda a oposição dos irmãos terceiros franciscanos, a associação religiosa de leigos do culto ao cordão se incrementou de modo específico em, pelo menos, três fases distintas entre os anos de 1760 até meados do século XIX: 1^a) ao ser introduzida na Capitania de Minas por um vigário do Rio das Mortes, no ano de 1760, a corporação logo se fixou nas vilas reconhecidas como cabeças das comarcas pioneiras e na sede do bispado – Vila de São João del-Rey, atual cidade de São João del-Rei; Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto; Vila Real do Sabará, atual cidade de Sabará; e em Mariana, designada assim desde 1745, quando fora elevada de vila à cidade para a chegada do primeiro bispo; 2^a) logo em seguida, por volta do ano de 1782, observou-se a instauração da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco na Vila Nova da Rainha do Caeté, atual cidade de Caeté, e na Freguesia de Santo Antônio do Ribeirão de Santa Bárbara, atual cidade de Santa Bárbara. Possivelmente, as duas corporações mais recentes se instauraram como presídios da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila Real do Sabará, instalada ali desde o momento introdutório da predita associação religiosa de leigos na Capitania de Minas. Embora a documentação acerca da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila do Príncipe, atual cidade do Serro, se resume apenas a uma petição salvaguardada em arquivo português, seu conteúdo e sua datação demonstram que os arquiconfrades da dita vila procuraram aprovação do regimento interno no tribunal lisboeta da Mesa de Consciência e Ordens em ocasião próxima à das congêneres da Vila Nova da Rainha do Caeté e do Ribeirão de Santa Bárbara; 3^a) a partir da virada para o Oitocentos, a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco se instaurou, conjuntamente, com outras associações religiosas de leigos. Na Vila de São Bento do Tamanduá, atual cidade de Itapeçerica, por exemplo, a corporação se uniu à Irmandade de Santo Antônio para erigir templo por volta do ano de 1805. Por sua vez, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas do Mato, atual cidade de Catas Altas, a agremiação se associou à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, no ano de 1822, quando Minas Gerais já usufruía do *status* de província. Em Itabira do Mato Dentro, atual cidade de Itabira, a corporação se uniu à Irmandade de São Miguel e Almas do Purgatório em meados do século XIX⁴.

Coube às associações religiosas de leigos a fatura de seus templos, o que fez dos devotos os principais responsáveis pelo mecenato artístico na Capitania e na Província de Minas. Por vezes, os próprios fiéis, que se ocupavam dos ofícios mecânicos, executavam o risco do templo e a fatura da arquitetura efêmera utilizada em festividades, assim como supervisionavam a negociação feita com os artífices contratados. O comissário, o pároco e o visitador, reconhecidos como os responsáveis pela programação iconográfica das capelas, auxiliaram os leigos na escolha dos motivos a serem representados na pintura, na escultura e, até mesmo, na música.



Cada associação religiosa de leigos possuía um repertório devocional específico para o seu culto, sobremaneira aqueles característicos da sua Ordem. A Arquiconfraria do Cordão de São Francisco compartilhava com os terceiros franciscanos algumas de suas principais devoções, como é o caso do patriarca e da Nossa Senhora Rainha dos Anjos (ou da Porciúncula). Há de se observar que o culto também se atrelava ao contexto particular da corporação. É possível identificar, no templo dos “pardos do Cordão” ou em capelas pertencentes a outras associações religiosas de leigos, a escolha, ainda, por santos e santas de devoção pessoal e/ou coletiva de determinado grupo social. Averigua-se a disposição de corporações de uma mesma localidade em utilizar soluções arquitetônicas e ornamentais similares em seus templos, o que atesta certa unidade e explicita uma relação entre elas também no fazer artístico, além do gosto de um período.

Panorama arquitetônico

As capelas demoravam anos para serem concluídas e ornamentadas, porque a despesa da obra era custeada pela própria associação religiosa de leigos, algumas com pouco recurso. Inicialmente, as corporações responsáveis pela construção do templo próprio erigiam uma edificação menor, de adobe, começando pela capela-mor, na parte do fundo do terreno, para, depois, construir o restante da capela. As obras, normalmente, começavam da capela-mor para o frontispício. Os trabalhos de ornamentação, especialmente as pinturas, constituíam-se como uma das últimas etapas, senão a última, das obras.

O Estatuto da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila Nova da Rainha do Caeté, produzido no ano de 1782, cita superficialmente, por duas vezes, o fato de os devotos se reunirem na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso. No requerimento enviado para Portugal, em ano anterior a 1795, os devotos solicitam a permissão para erigir templo próprio, a ser denominado como Capela de Nossa Senhora dos Anjos, com a intenção de sepultarem ali os devotos falecidos. Por meio do conteúdo expresso na solicitação, é plausível considerar que, até aquela data, os arquiconfrades ainda não contavam com capela própria, pois os seus atos religiosos eram celebrados na matriz⁵.

Uma documentação copiada por Salomão de Vasconcellos, na ocasião em que teve acesso aos códices rendilhados disponíveis na sacristia da atual Igreja de São Francisco de Assis de Caeté, comprova que, no ano de 1808, os mesários se reuniram no consistório da Capela de Nossa Senhora do Rosário para discutir o gasto e a interrupção na construção da capela de pedra para, então, erguerem uma capelinha mais modesta de madeira e adobe:



Termo para se fazer Capella de pão por dentro da obra de pedra / pelos motivos que vão abaixo declarados // Aos quatro dias do Mês de Mayo de 1808, sendo nesta Villa da / Raynha, na Capella de N. S. do Rosario, em que se acha congregada a / Archiconfraria de S. Francisco, achando-se presentes o Rvº Comissario, / Mº e definidor, assentarão **se fizesse a Capella no estado presente / por dentro da obra de pedra, para ir servindo no interior, tanto pela / razão da dificuldade da obra de pedra, em que se gastão muitos annos, / como pelos incommodos que padessem os irmãos com as despesas excrescivas que fazemos junto ao Fabriqueiro todos os annos**, o que não su-/cederá tendo-se casa própria para se remediar, e porisso se deve de-/cidir com todo o cuidado, e zelo, para que assim se haja logo de cum-/prir, do que uniformemente mandarão fazer este termo, que eu, João dos / Passos Ferreira, Secretario actual, o escrevy. – O Comº, Coimbra – Mº, / Guimarães – Procurador, Gonçalves Lima – Vieira Porto – Aguiar (grifos da autora)⁶.

Salomão de Vasconcellos averiguou, em um outro termo, datado de 17 de junho do mesmo ano, que os confrades deliberaram, em Mesa, nomear o irmão Antônio Novais Campos, o alferes João de Aguiar e Antônio Domingos para:

[...] **terem todo o cuidado no adiantamento da Capella-mór e seu / corpo, dentro do terreno da de pedra**, afim de não estorvar a sua con-/tinação quando puder ser, com seu Retabulo, forrada quanto seja de-/cente... até se completar a mesma com paredes de adobes, reparada com / seu engradamento da altura de 25 palmos a Capella-mór e de 30 o cor-/po, determinando-se o dia 24 de junho, pelas duas horas da tarde, para / irem com os officiais carpinteiros ver o comprimento e a largura se / chegão, e, feito isso, darem principio á mesma obra (grifos da autora)⁷.

No entanto, ao que parece, apenas três anos depois se deu o começo da obra, tendo em vista um outro termo:

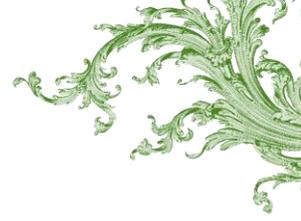
Aos três dias do mês de janeiro de 1811, sendo nesta Vila Nova / da Raynha, em que se achavam o Revº Comissario, Mº e defintorio desta / Serafica Congregação, assentarão que na primeira sexta-feira de Março / **se hade principiar a levantar os esteios da Capella** e que o irmão / Secretario e o irmão Inspetor trão prontos os Officiaes [?] de / Aguiar, Joaquim Mendes e Francisco Ribeirone os mais precisos [?] / fim com outo dias a preparar as madeiras e o mais preciso [?] / dito fim (grifos da autora)⁸.

Cinco anos depois, por volta de 1817, um novo termo foi lavrado com o mestre carpinteiro Vicente José Moreira para a continuação das obras, ou seja, para:

[...] **concluir a Capella-mór, com o arco, forrada**, com acampamen-/mentostos, Presbyterio com a sua escada, quatro frestas, duas de cada lado, / Sachristia com tres janellas, corredores, seis portas, feixada em roda / de adobes, com alicerces cercados de pedra, deixando o espontados es-/teitos na Sacristia para se fazer o Consistorio depois; levantar o / corpo e cubrir, e com os esteios para a Torre no meyo, engradada com / Cupula; **tudo pelo preço e ajuste de 440\$000** a seco, com 40\$000 á / vista e o mais pago de 4 em 4 menses, passando o dito Mestre obriga-/ção deste ajuste a esta Mesa e a mesma passando-lhe outra (grifos da autora)⁹.

Com esse mesmo official, contratou-se a conclusão das obras mencionadas pela importância de 1:000\$000, em 1820, nas seguintes condições:

1) - Fazer 6 pedestais de pedra de cantaria, com seus pilares taquiados, com tabicas fingidas, de cal e areya, seus capiteis e simalhas por sima; 2) - Fazer 5 soleiras de pedra de cantaria, de 8 palmos de comprido e 3 e meyo de largura, para nelas serem



ajustadas as 5 portas da frente e dos lados, e fazer os alicerces para receberem os baldrames em todas as rodas das paredes de dentro e de fora; 3) - Fazer todas as portas e portadas da Capela e do Consistório, de verga e meya laranja, com simalhas, todas de braúna e perfeitas, sendo que as do Coro levarão seu peitoril com seus balaustreos torneados, que todos são 27; e fazer 4 pedestais com pés direitos para a Torre, com simalha real e um oculo redendo com cruzeta no meyo, como também fazer o Coro a romana, com três arcos por baixo, peitoril e balaustros torneados; a escada para a Torre e o corpo para os pulpitos, e as 3 sineiras a Torre; 4) - Compor todo o corpo da Igreja e fazer as campas; forrar todo o corpo da Igreja com simalha real, e da mesma forma a simalha de fora da Igreja, da Capela-mór e do Consistório, sendo este levantado sobre a Sachristia, emendando os esteios com boca de Lobo, tudo embarrotado e sualhado, cuberto e emadeirado com armaduras, ferros e caxorros; 5) - Sualhar a Sachristia e corredores e forrar por cima, com suas simalhas, e fazer também o Thorno com suas bancadas rendilhadas e o camarim com suas escadas, tendo o prazo de três annos para dar tudo pronto¹⁰.

Segundo os registros da visita pastoral empreendida por Dom Frei José da Santíssima Trindade na Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso da Vila Nova da Rainha do Caeté entre os anos de 1821 e 1825, a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco trabalhava “com desvelo” para o acabamento da capela¹¹.

De acordo com Salomão de Vasconcellos, em outubro de 1824, conforme outro termo lavrado, procedeu-se a transladação solene das imagens da corporação, da Capela do Rosário para o novo templo, com procissão, missa cantada e sermão¹². Embora não discorra sobre a conformação do templo, os escritos copiados pelo autor corroboram a ideia de que os arquiconfrades ocuparam definitivamente a capela por eles erigida quase 30 anos depois de solicitada a permissão para uso de templo próprio [Fig.1]. A documentação também comprova um elo da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila Nova da Rainha do Caeté, onde, seguramente, se reuniram entre os anos de 1808 a 1824.

Na obra *O que há para se ver em Caeté: roteiro turístico da antiga Vila Nova da Rainha*, Arthur Lima Júnior evidenciou que a construção simples “revela a fé dos humildes fiéis de São Francisco de Assis que, com certeza, a seus pés, vinham clamar por justiça, com suas preces ingênuas, pois é de se crer que as pessoas que frequentavam essa igreja eram realmente muito pobres, certamente a maioria escravos”¹³. Exageros à parte, as palavras do autor atestam a simplicidade do templo, assim como o fato de ter sido erigido a partir do esforço de “não brancos”. Há de se lembrar, aqui, que o estatuto, datado do ano de 1782, previa a admissão de escravos entre os agremiados. Aos cativos, porém, exigia-se trazerem o cordão fino sem cingi-lo publicamente. Caso o escravo quisesse tornar público o uso do cordão, seu senhor deveria se comprometer a conceder-lhe alforria¹⁴.

Desde o ano de 1824, quando transladadas das imagens, o templo passou por várias modificações. Para exemplificar, por volta de 1984, as pinturas da capela-mor, consideradas por Arthur Lima Júnior “das mais notáveis da região”¹⁵, passaram por restauração¹⁶. Em 2003, acrescentaram o muro de pedra e o gradil que delimitam o



adro¹⁷. Depois de anos fechada para o culto e para visitação, a Igreja de São Francisco de Assis de Caeté passou recentemente por reforma estrutural no telhado.

[Fig. 1] Igreja de São Francisco de Assis, Caeté, MG. Fotografia da autora.

Ornamentação interna

A ornamentação interna da capela erigida pelos devotos da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila Nova da Rainha do Caeté é bem modesta. Ela se restringe à capela-mor, que conta com retábulo e pintura de forro. Além disso, possuía quatro pinturas fixadas nas ilhargas e um conjunto escultórico de seis peças, que, certamente, eram utilizadas também nas procissões da corporação. As pinturas, catalogadas por Carlos Del Negro por volta de 1958 e fotografadas pelos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em meados da década de 1950, não estão mais no templo. O conjunto de esculturas encontra-se parcialmente guardado na matriz. Por já não constituírem a decoração da capela, as fotografias utilizadas no artigo serão as disponibilizadas pelo IPHAN.

O retábulo da capela-mor do templo erigido pelos “pardos do Cordão” é simples **[Fig.2]**, o mais modesto entre os templos dessa corporação em Minas Gerais, porque não possui pintura em fingimento arquitetônico. Foi executado por carapina e conta com reduzido trabalho de policromia. No entanto, a peanha dos nichos laterais, o



entablamento do retábulo-mor e a tarja do coroamento do altar-mor apresentam algum trabalho de entalha. O fundo do camarim, por sua vez, recebeu a pintura de anjos em revoada entre nuvens e raios de luz que se originam de um triângulo, símbolo da Trindade, situado na junção do forro em abóboda. Ali, a composição se completa por um medalhão formado por nuvens que envolvem, no centro, a pomba do Espírito Santo, raionada. As rocalhas, pintadas em partes pontuais do retábulo-mor, têm forma rígida e pouco delicada.

Carlos Del Negro, na obra *Contribuições ao estudo da pintura mineira*, no ano de 1958, fez um apanhado das pinturas disponíveis na atual Igreja de São Francisco de Assis de Caeté. A pesquisa de Carlos Del Negro cotejou as pinturas presentes na capela com representações pictóricas de outros templos de Minas Gerais, sobremaneira o trabalho ornamental dos forros da nave ou da capela-mor. O também autor descreveu algumas telas que, atualmente, não estão mais na capela¹⁸.



[Fig.2] Altar-mor da Igreja de São Francisco de Assis, Caeté, MG. Fonte: IPHAN/RJ



De acordo com o autor, quatro foram as pinturas de forro que serviram de modelo aos demais tetos pintados no período denominado “Ciclo do Ouro”. O autor estabeleceu que as pinturas dos forros da capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis de Caeté [Fig.3] e da Igreja do Rosário de Itabira constituem o terceiro modelo da pintura de forro de Minas Gerais. Para Carlos Del Negro, “a autoria da interessante decoração da abóboda da capela-mor da Igreja do Rosário de Itabira cabe ao pintor do teto de S. Francisco de Caeté”¹⁹. Apesar da semelhança entre as duas pinturas, o autor não apresenta indicativo do nome do pintor, que também não é mencionado nos trabalhos técnicos posteriores, como é o caso do *Dossiê de tombamento da Igreja de São Francisco de Assis de Caeté*, financiado pela prefeitura, em 2009²⁰, e do *Inventário da Igreja de São Francisco de Assis de Caeté*, produzido pela Arquidiocese de Belo Horizonte, em 2010²¹. Tais trabalhos técnicos também não fazem alusão às telas vistas e analisadas por Carlos Del Negro presentes, naquele tempo, nas paredes das ilhargas da capela-mor do templo.

Em termos estruturais, o dito forro é retangular, de madeira, em abóbada de berço, com cimalkas laterais escalonadas e partes reentrantes. A pintura de perspectiva tem, nos cantos e no centro, figuras de santos e religiosos, alinhados por uma faixa longitudinal, com bordas recortadas em motivos fitomorfos, amarrados por rocalhas vazadas. Próximo ao arco-cruzeiro, à esquerda, há a pintura de São Francisco de Borja vestindo hábito negro e que tem, nas mãos, um crucifixo e, junto a ele, uma caveira e uma coroa. À direita, localiza-se São Luiz, rei da França, vestido com manto real, coroa e cruz pendendo ao pescoço, que leva, nas mãos, uma coroa de espinhos e uma cruz. À esquerda do altar-mor, está representado um monge, provavelmente Santo Ivo, de braços estendidos, que mostra um livro aberto a um frade à sua frente. À direita, o franciscano Santo Antônio, com uma criança de pé sobre um livro fechado. Ao centro do forro, à direita, São Francisco recebe, das mãos do papa Inocêncio III, uma cartela com inscrição em latim, assim traduzida para o português: “a caridade é a cadeia de toda a perfeição”²². A dita cena é assistida por dois cardeais não identificados e representa o momento em que o papa concedeu a São Francisco e à sua fraternidade a permissão para pregarem. À esquerda, São Tomás de Aquino, inspirado pelo Espírito Santo, escreve em um livro. A cena se passa, possivelmente, em uma biblioteca porque, atrás do santo, fora representada uma estante repleta de livros, o que simboliza sua erudição. Localizado de forma central na composição, em uma espécie de medalhão, São Francisco é levado ao céu, em meio às nuvens, por três anjos. Na parte superior, aparecem outros dois anjos: o da esquerda leva uma cartela com a inscrição *Vinculum perfectionis*; o da direita leva o brasão da Terra Santa com a cruz ladeada por quatro cruces menores. Na mesma linha acima da cabeça de Francisco estão a Pomba do Reino, resplandecente, e a figura do Eterno, de meio corpo. Na parte inferior, terrena, aparece uma igreja cercada por frisos com virgulados, rocalhas, estrelas e arranjos florais.





O tema do medalhão central denomina-se Glorificação de São Francisco, isto é, representa o santo sendo elevado ao céu por anjos em episódio posterior à sua morte terrena [Fig.4]. A temática, de certo modo, é recorrente na pintura das capelas dos terceiros franciscanos. Cita-se, como exemplo, o forro da sacristia da Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Vila Rica, onde se observa, na composição, uma movimentação das nuvens e dos anjos, assim como é perceptível no caso da capela em questão. Destaca-se, também, o forro da Ordem Terceira Franciscana da Cidade do Rio de Janeiro.

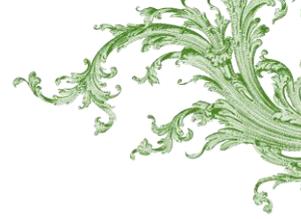
A composição pode ser descrita como exemplar da pintura rococó. Possivelmente, fora executada no primeiro quartel do século XIX. De acordo com Carlos Del Negro, “este singular autor faz tangenciar os concheados e enrolamentos em alguns pontos da cimalha real aparecendo faixa gris azulada nas partes mais elevadas devidas ao seu contorno caprichoso”²³. O autor também afirma que o pintor “adota a falsa simetria no partido da composição, desde os concheados até as figuras; no quadro, mais precisamente a simetria ponderada”²⁴. Na época em que Carlos Del Negro visitou, fotografou e analisou a pintura, a composição estava com estado de conservação já preocupante, pois contava com perda de policromia e bastante repintura. Sobre isso, o autor afirmou: “do que resta de mãos e pés intactos, basta para conferir à pintura primitiva um bom desenho das extremidades das figuras. As cabeças estão horrivelmente repintadas ou lavadas. Notam-se restos de côres vivas, e alegres constituídas de vermelhão, amarelo, azul, ocre, outras terras e prêto”²⁵. Provavelmente, a atual restauração estrutural no telhado deve permitir que a pintura do forro da capela-mor seja submetida a novo processo de restauro, mais adiante.

Carlos Del Negro afirmou ainda haver, pelo menos, quatro telas penduradas nas paredes da ilharga da Igreja de São Francisco de Assis de Caeté, a saber:

Do lado esquerdo dois: um com a **aparição do Cristo de Monte Alverne a S. Francisco** (asas do Cristo na cruz e dos querubins de cor azul-turquesa); o outro **S. Francisco abraça ao Cristo de Monte Alverne** (as mesmas asas do Cristo e querubins de cor azul-turquesa). Os dois pertencem a mesmo autor. // Do lado direito: um quadro representa **Cristo sobre nuvens** brancas com o mundo azul na mão esquerda e feixe de raios na outra mão erguida; em baixo dois frades ajoelhados. // Ainda nesse lado da capela outro quadro maior (o único emoldurado) com uma **figura da Igreja, vestida de batina preta, sobrepeliz e murça, traz na mão direita a língua (o confessor)**; no fundo arcadas da Igreja. A pintura é tósca (grifos da autora)²⁶.

A pesquisa aqui apresentada recuperou fotografia de duas das telas descritas por Carlos Del Negro, as que estavam do lado esquerdo do templo. As temáticas escolhidas para as representações foram, respectivamente: 1) São Francisco recebendo as chagas do Cristo Seráfico [Fig.5]; 2) São Francisco do Amor Divino [Fig.6]. Possivelmente, os outros dois quadros, descritos pelo autor como dispostos no lado direito da capela, representavam o episódio da Justiça Divina e, também, São João Nepomuceno, retratado trajando veste típica do frio e com gestos ou atributos que remetiam ao silêncio dos sacerdotes na confissão dos fiéis.

[Fig. 4] Medalhão central da pintura de forro da capela-mor da Igreja de São Francisco de Assis em Caeté - MG. Tema da Glorificação de São Francisco de Assis. Foto: IPHAN/RJ.



[Fig. 5] São Francisco de Assis recebendo as chagas do Cristo Seráfico. Foto: IPHAN/RJ.



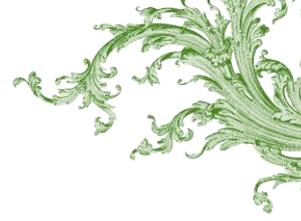
[Fig. 6] São Francisco do Amor Divino. Foto: IPHAN/RJ.

Diogo de Vasconcelos, no livro *História do bispado de Mariana*, publicado em 1935, afirmou que:

O Bispo Frei Domingos [da Encarnação Pontevel], devotíssimo do Patriarca Seraphico, para que os homens de cor pudessem prestar-lhe culto, creou uma Archiconfraria com todas as cautelas, afim de se não confundir com a Ordem Terceira. Esta tinha por padroeira a **Senhora da Conceição**, vestia-se de **habito cinzento e capa talar**; tinha no throno do altar-mor o **episodio de Monte Alverne**. A Archiconfraria teve a **Senhora Rainha Mãe dos Anjos, habito preto e capa curta** e o **episodio do Amor Divino** (grifos da autora)²⁷.

Desse modo, o autor ressaltou uma preocupação do bispo diocesano em diferenciar o repertório iconográfico utilizado pelos arquiconfrades daquele obedecido pelos terceiros franciscanos da cidade de Mariana, que traziam entronizado no altar-mor o conjunto escultórico que representava a cena de São Francisco recebendo as chagas de Cristo, preso à cruz da crucificação. Por essa razão, a Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Cidade de Mariana adotara, no altar-mor, a cena do Amor Divino em oposição ao episódio do Monte Alverne.

No ano de 1947, Salomão de Vasconcellos publicou a obra *Breviário histórico e turístico de Mariana*, em que descreveu a cena do Amor Divino vista na capela dos “pardos do Cordão”. O autor afirmou que a composição se formava pela “imagem do Crucificado tendo aos pés o Santo a abraçá-lo em êxtase”²⁸. Salomão de Vasconcellos viu, naquela representação, “um misticismo impressionante, pela

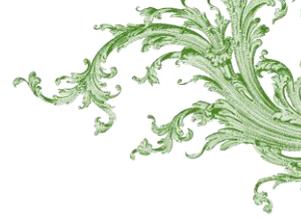


expressão do drama”²⁹. A temática do Amor Divino, recorrente na iconografia franciscana tridentina, pode ser observada, ainda hoje, no altar-lateral da Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência na atual cidade de São João del-Rei³⁰, na sacristia da Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da atual Ouro Preto³¹, e no forro da sacristia da Capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da atual cidade de Diamantina, possivelmente atribuída a Caetano Luiz de Miranda³². Nos dois primeiros exemplos, a cena é representada por meio de imagens de roca, por certo, utilizadas no contexto histórico do século XVIII e XIX para compor andor na Procissão das Cinzas. No caso de Diamantina, porém, trata-se de uma pintura.

Maria Regina Emery Quites, na tese *Imagem de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*, ressaltou que a cena do Amor Divino não se relaciona a nenhum episódio da vida de São Francisco narrado por seus hagiógrafos. Trata-se, entretanto, de uma alegoria entre Cristo e o santo que, pelo amor e pela fé, fora transportado em sonho para o momento da crucificação no Gólgota. Segundo a autora, São Francisco desejava abraçar o corpo de Cristo, porém fora o Crucificado quem soltou o braço direito da cruz para saudar ternamente o santo. Por essa razão, a representação da cena do Amor Divino é composta por Jesus preso à cruz, com o braço direito no ombro de São Francisco, que aparece de pé, com o rosto voltado para cima, em direção ao Crucificado. Quando o episódio é representado por meio de conjunto escultórico, a autora afirma que, geralmente, o santo aparece em imagem de roca, enquanto o Cristo é retratado em talha inteira³³.

Como a pesquisa ora apresentada não localizou os quadros elencados por Carlos Del Negro, que outrora compunham a parede do lado direito da ilharga da capela-mor, ou sequer teve acesso às fotografias, é difícil avançar para além do que estabeleceu o autor. No entanto, a pintura em que Cristo fora representado entre nuvens, segurando o globo terrestre e, na mão direita, erguendo um feixe de raios, tendo aos seus pés dois frades ajoelhados, possivelmente, representa o tema da Justiça Divina, que alude a uma visão de São Domingos.

De acordo com Jacopo de Varazze, no livro *Legenda áurea: vidas de santos*, quando Domingos se deslocou a Roma na expectativa da confirmação de sua Ordem junto ao papa, teve uma visão em que Cristo tinha, na mão, três lanças vibrando sobre o mundo. De imediato, a Virgem Maria conteve a ira de seu filho em relação aos três vícios da humanidade: a soberba, a concupiscência e a avareza. Para tanto, Nossa Senhora pediu misericórdia e apresentou-lhe um servo, Domingos. Cristo viu nele um homem verdadeiramente bom e empenhado. Durante a visão, Cristo elogiou a São Francisco pelas mesmas qualidades. Domingos, então, observou atentamente o companheiro, que não conhecia. No dia seguinte, na igreja, porém, São Domingos reconheceu Francisco entre os demais devotos e, prontamente, abraçou-o, beijou-o e disse: “você é o meu companheiro, percorrerá o mesmo caminho que eu, fiquemos



juntos e nenhum adversário nos vencerá”³⁴. Foi então que Domingos lhe contou detalhes da visão que tivera no dia anterior. Fosse como fosse, não é exagero afirmar que, a partir da aprovação papal, as duas ordens conventuais se firmaram como pilar da devoção cristã em todo o orbe católico.

Maria Regina Emery Quites afirmou ser esse um tema pós-tridentino. Em sua tese, observou três exemplos da predita representação. Um conjunto escultórico presente na Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de São Paulo, formado por quatro peças: Cristo, Maria e os dois frades. Uma pintura localizada na capela-mor da mesma corporação, em que Cristo aparece pairando sobre o globo terrestre sendo contido pela Virgem Maria, que segura sua mão. Francisco e Domingos afiguram-se ajoelhados, cada um de um lado da cena. A autora menciona, ainda, a escultura do Cristo Irado pertencente à Ordem Terceira Franciscana da Cidade de Mariana, que se trata de uma imagem de vulto de porte médio, na qual Cristo fora representado de pé em cima de uma nuvem. Seu braço direito está erguido e a mão pronta para arremessar uma lança³⁵.

Isto posto, cabe lembrar que, na descrição feita por Carlos Del Negro, não há menção à Virgem Maria, o que pode, de fato, alterar o entendimento acerca da temática escolhida para a composição, ao colocar em dúvida tratar-se do episódio da Justiça Divina. Se esse não é o tema representado, qual seria?

Por sua vez, a descrição de Carlos Del Negro acerca da pintura caracterizada por “tosca” não deixa dúvida de que se trata de São João Nepomuceno, o mártir do silêncio. De acordo com Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, na obra *O Aleijadinho e sua oficina: catálogo das esculturas devocionais*, São João Nepomuceno (1340-1393) nasceu na Boêmia. Tornou-se cônego de Santo Agostinho, na Catedral de Praga, e vigário-geral do dito arcebispado. O santo fora confessor da rainha Joana, esposa do rei Wenceslau IV. Ao criticar o monarca, São João Nepomuceno passou a ser perseguido pelo rei, que exigiu sua prisão e tortura até que revelasse o segredo da confissão da rainha. Por não obter o conteúdo da penitência, o monarca mandou que atirassem o confessor, de pés e mãos atados, de uma ponte do rio Moldau. O corpo de São João Nepomuceno flutuou entre um colar de estrelas sobre as águas. Por essa razão, o santo é considerado mártir do silêncio, assim como padroeiro dos sacerdotes e dos confessores. Para a autora, o culto a São João Nepomuceno se introduziu em Portugal por intermédio de D. Maria Ana da Áustria, esposa de D. João V, devota do santo. Sendo assim, a representação de São João Nepomuceno tornou-se obrigatória nas matrizes do reino durante o período do monarca D. João V. Na Capitania de Minas, destaca-se a escultura atribuída ao Aleijadinho e proveniente do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, de Mariana-MG, atualmente, salvaguardada no Museu Arquidiocesano de Arte Sacra da cidade³⁶.

Os técnicos do IPHAN que visitaram a capela erigida pela Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila Nova da Rainha do Caeté também fotografaram o



conjunto de esculturas presentes no templo naquela ocasião **[Fig.7]**. Ao todo, seis peças compunham o conjunto, a saber: uma imagem de roca de São Francisco da Penitência, uma imagem de roca de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, uma imagem de talha inteira de Nossa Senhora do Carmo, uma imagem de talha inteira de Santana e dois crucifixos. Trata-se de um conjunto reduzido de imagens, mas que condiz parcialmente com o repertório da corporação Seráfica, como é o caso das esculturas de São Francisco da Penitência e de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. As presenças das outras duas esculturas podem se explicar pela devoção pessoal e/ou coletiva dos membros da associação religiosa leiga. No geral, a fatura das peças pode ser descrita como de cunho popular.

[Fig. 7] Conjunto de esculturas da Igreja de São Francisco de Assis em Caeté - MG. Foto: IPHAN/RJ.





Considerações finais

A atual Igreja de São Francisco de Assis, em Caeté, foi erigida graças aos esforços dos devotos da Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, que, em 1782, já se fazia presente na Vila Nova da Rainha do Caeté. A associação religiosa de homens e mulheres leigos, que permitia a entrada de escravos, tinha um poder aquisitivo escasso, o que fez com que a construção iniciada no século XVIII fosse concluída apenas por volta de 1824. Enquanto tocava as obras, a corporação se reuniu na matriz e, em seguida, por vários anos, no templo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

A capela dos arquiconfrades foi pensada para ser em pedra, o que chegou a ser feito, até que o alto custo da obra se mostrou incompatível com a receita da corporação. Sendo assim, os arquiconfrades optaram por fazer uma obra menor, em madeira e adobe. A fachada trifacetada chama atenção pela similaridade com a Igrejinha do Ó de Sabará e também com a capela erigida pela congregação do Cordão da cidade de Mariana, produto da alteração da fachada na primeira metade do século XIX. A arquitetura da Igreja de São Francisco de Assis, em Caeté, é modesta e condiz com a simplicidade da ornamentação interna, restrita à capela-mor.

A pintura do forro da capela-mor foi bem executada. Entretanto, atualmente, está prejudicada por causa de manchas de água e de repintura. O altar-mor, trabalho de carapina, possui entalhe e pintura pontuais. As pinturas das ilhargas analisadas por Carlos Del Negro não compõem mais o cenário da capela-mor. As quatro esculturas e os dois crucifixos estão parcialmente salvaguardados na matriz. No que se refere ao repertório iconográfico da capela, pode-se afirmar que abarcou os principais momentos da vida de São Francisco de Assis, como é o caso da Impressão das Chagas, da cena do Amor Divino e de sua Glorificação. Por ser o orago da capela, certamente, no século XIX, a imagem de roca de Nossa Senhora Rainha dos Anjos situava-se no trono do altar-mor. Apesar de modesta, a capela construída pelos “pardos do Cordão”, em Caeté, possuiu uma unidade que integra arquitetura, ornamentação e repertório iconográfico.

Fontes

BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia.

LISBOA. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. Chancelaria da Ordem de Cristo, Dona Maria. **Compromisso da Arquiconfraria do Cordão do Patriarca São Francisco de Vila Nova da Rainha do Caeté**. Livro 12, fl. 21v-30v, 1782. Microfilme.



RIO DE JANEIRO. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Caeté-MG. Pasta: Igreja de São Francisco de Assis de Caeté. Fotografias da década de 1950.

Notas e Bibliografia

¹ TRINDADE, Raimundo. São Francisco de Assis de Ouro Preto. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 17, 1951, p. 91.

² TRINDADE, *op.cit.*, p.101.

³ CAMPOS, Adalgisa Arantes; FRANCO, Renato. Aspectos da visão hierárquica no barroco luso-brasileiro: disputas por precedência em confrarias mineiras. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 193-216, 2004.

⁴ FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. **A Arquiconfraria do Cordão de São Francisco em Minas Gerais: história, culto e arte (1760-c. 1850)**. Tese de doutorado em História apresentada à FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2019.

⁵ FERREIRA, Maria Clara Caldas Soares. A Arquiconfraria do Cordão de São Francisco da Vila Nova da Rainha do Caeté: aspecto histórico, devocional e artístico. **Revista de História da UEG, Morrinhos**, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019.

⁶ BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia, p. 9.

⁷ BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia, p. 9.

⁸ BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia, p. 9-10.

⁹ BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia, p. 10.

¹⁰ BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia, p. 10.

¹¹ TRINDADE, *op.cit.*, p. 120.

¹² BELO HORIZONTE. INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO. Caeté-MG. Pasta: Levantamento bibliográfico – Igreja de São Francisco de Assis. 1954-1975. Fotocópia. p. 10

¹³ LIMA JÚNIOR, Arthur. **O que há para se ver em Caeté: roteiro turístico da antiga Vila Nova da Rainha**. Caeté: s.n., 1969, p. 69.

¹⁴ LISBOA. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. Chancelaria da Ordem de Cristo, Dona Maria. **Compromisso da Arquiconfraria do Cordão do Patriarca São Francisco de Vila Nova da Rainha do Caeté**. Livro 12, fl. 21v-30v, 1782. Microfilme. fl. 23v.

¹⁵ LIMA JÚNIOR, *op.cit.*, p. 69.

¹⁶ Igreja de São Francisco de Assis, em Caeté, espera por você. Ela está de forro restaurado. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 jul. 1984, n.p.

¹⁷ PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETÉ. **Dossiê de tombamento imóvel: Igreja de São Francisco de Assis**. Período 16/04/2007 a 15/04/2008. Exercício 2009, p. 44. (Relatório técnico)

¹⁸ DEL NEGRO, Carlos. Contribuições ao estudo da pintura mineira. **Revista da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 20, 1958, p. 142.

¹⁹ DEL NEGRO, *op.cit.*, p. 142.



- ²⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETÉ. **Dossiê de tombamento imóvel:** Igreja de São Francisco de Assis. Período 16/04/2007 a 15/04/2008. Exercício 2009. 136p. (Relatório técnico).
- ²¹ Arquidiocese de Belo Horizonte/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte.** Igreja de São Francisco de Assis – Centro, Caeté (MG). Inventário n. 99. Belo Horizonte, 2010. 310p.
- ²² Arquidiocese de Belo Horizonte/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. **Inventário do Patrimônio Cultural da Arquidiocese de Belo Horizonte.** Igreja de São Francisco de Assis – Centro, Caeté (MG). Inventário n. 99. Belo Horizonte, 2010, p. 94.
- ²³ DEL NEGRO, *op.cit.*, p. 141.
- ²⁴ DEL NEGRO, *op.cit.*, p. 141.
- ²⁵ DEL NEGRO, *op.cit.*, p. 141.
- ²⁶ DEL NEGRO, *op.cit.*, p. 81-82.
- ²⁷ VASCONCELOS, Diogo de. **História da civilização mineira:** bispado de Mariana. Belo Horizonte: Apollo, 1935, p. 29.
- ²⁸ VASCONCELLOS, Salomão de. **Breviário histórico e turístico da cidade de Mariana.** Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947, p. 24.
- ²⁹ VASCONCELLOS, *op.cit.*, p.24.
- ³⁰ QUITES, Maria Regina Emery. **Imagem de vestir:** revisão de conceitos através do estudo comparativo entre ordens terceiras franciscanas no Brasil. Tese de doutorado em História apresentada à IFCH/UNICAMP, Campinas, 2006, p. 156.
- ³¹ QUITES, *op.cit.*, p. 60.
- ³² MIRANDA, Selma Melo. **A Igreja de São Francisco de Assis em Diamantina.** Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2009, p. 152-157.
- ³³ QUITES, *op.cit.*, p. 57-60.
- ³⁴ VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea:** vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 618-619.
- ³⁵ QUITES, *op.cit.*, p. 75-77.
- ³⁶ OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de (Org.). **O Aleijadinho e sua oficina:** catálogo das esculturas devocionais. São Paulo: Capivara, 2002, p. 74-75.

Artigo enviado para publicação: 03/09/2021

Artigo aceito para publicação: 19/11/2021